

“Retorno aos mercados é páraquedas da queda e dá fôlego ao Governo”

» José Bastos

“A boa notícia é que este regresso aos mercados pode ser um estímulo para que a população portuguesa compreenda que, se houver capacidade de aguentar esta terrível cirurgia a que o país está a ser sujeito, para extirpar males de que padecia, se formos capazes de suportar, de aguentar, podemos esperar, fundamentadamente, melhores dias”, é a convicção do ex-reitor da Universidade Católica, Manuel Braga da Cruz. “Agora, não me parece que se possa deduzir que irá haver um abrandamento da austeridade”, adiantou, no programa “Conversas Cruzadas”, da *Renascença*.

O investigador do Centro de Estudos Sociais Manuel Carvalho da Silva realça que “o Estado não é uma família, mas quando uma família chega ao ponto de se endividar para pagar dívida, está numa situação difícil”.

Defende, por isso, o combate ao crescente empobrecimento: “Precisamos de uma estratégia de desenvolvimento. Não podemos manter esta ideia da inevitabilidade da austeridade”.

“O sucesso desta política, o que significa? Empobrecimento. Qual é a solução para o futuro? É manter esse empobrecimento e fixar esse retrocesso social e civilizacional? Eu acho que não”, afirma o dirigente histórico do sindicalismo português.

Manuel Braga da Cruz, por seu lado, acentua a necessidade do processo de ajustamento orçamental em curso. “Trata-se de disciplinar a vida financeira nacional, de acordo com compromissos assumidos pelo país quando subscreveu o Tratado de Maastricht. Não sou tão pessimista quanto o doutor Carvalho da Silva quando diz que representa um empobrecimento, mas acho é que o país está sujeito a uma cirurgia que tem consequências muito duras, todos nós reconhecemos”.

“Estamos a viver problemas dramáticos, nomeadamente no capítulo do desemprego, mas a austeridade é condição para sair deste empobrecimento de que estamos a ser vítimas”, acrescenta.

À austeridade, Manuel Carvalho da Silva contrapõe contenção. “Este caminho é desastroso. Está provado. Aqui e noutros sítios. Contenção, sim. Mas contenção com menos desigualdades e menos injustiças. Não estamos a corrigir males. Estamos a agravar”, defende o professor universitário.

Sacrifícios pagam juros, diz Carvalho da Silva

“Nesta operação vieram os investidores estrangeiros? Pois vieram! Se tiveram uma oportunidade, com um sinal do Banco Central Europeu, o instrumento mais forte na Europa da ‘financiarização’, a verdadeira autoridade na Europa sob influência da senhora Merkel. Para os investidores, com esse sinal, em vez de emprestar à Alemanha a 0%, é melhor colocar aqui o dinheiro a 5% e nós continuamos a aplicar a austeridade para pagar a diferença dos juros. Ou seja, a banca vai buscar o dinheiro a um preço baixo, empresta, em nome da recuperação, a 5%, e nós com o nosso sacrifício nas pensões, nos sa-



lários, no emprego, vamos pagar estes juros”, sustenta, assim, Carvalho da Silva, o interesse dos mercados na emissão de dívida pública portuguesa a cinco anos.

“O desafio é agora criar novas bases para o crescimento que não pode, obviamente, assentar no investimento público como aconteceu há anos, mas, sobretudo, no investimento privado, e em, particular no investimento estrangeiro”, contrapõe Manuel Braga da Cruz, que já dirigiu a Associação Portuguesa de Ciência Política.

Fôlego para Governo, estilhaços para oposição

“Esta operação de regresso aos mercados feita com surpresa e muito antes do tempo previsto esvaziou um certo balão de contestação que havia e teve outra vantagem: permitiu ganhar mais três meses na percepção dos contribuintes de quanto lhes custará nos bolsos o brutal aumento de impostos a vigorar para 2007”, afirma o juiz jubilado do Tribunal de Contas Carlos Moreno.

“Há uma espécie de queda em páraquedas, lenta, que permite no plano psicológico e político dar fôlego ao Governo”, justifica, acrescentando que “foi essa grande surpresa que esvaziou politicamente a atmosfera de debate público e até causou estragos visíveis no maior partido da oposição”.

“As classes médias vão continuar a sofrer uma austeridade duríssima em 2013 sem que esta abertura de portas dos mercados implique qualquer alteração na vida quotidiana dos portugueses”, sublinha o também professor de Finanças Públicas.

Já Braga da Cruz, no regresso aos mercados e no pedido de extensão da maturidade da dívida, identifica factores a condicionantes da coesão do Partido Socialista, com a liderança de Seguro a ser questionada, mas defende que o momento do país exige estabilidade em todos os quadrantes.

“Vamos enfrentar um ano muito difícil e que para vencer as dificuldades precisamos de vastos consensos. Precisamos de estabilidade. Estabilidade governativa e precisamos de estabilidade política, inclusive nos partidos da oposição. Tem que haver um grande sentido de responsabilidade do grave momento que estamos a viver e da necessidade de o ultrapassar, procurando os consensos mais vastos”, conclui o professor e antigo reitor da Universidade Católica.